

A Domesticação do Turismo: estratégias Pataxó na relação com agentes e agências de turismo em Coroa Vermelha

Sandro Campos Neves*

Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil)

Resumo: As relações entre os índios Pataxó de Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália-BA e os agentes de turismo regionais, notadamente as agências de turismo receptivo são fundamentais para a sociabilidade local. Através da realização de pesquisa etnográfica em visitas intercaladas à aldeia de Coroa Vermelha, compreendendo um período total de oito meses, observei e descrevi a contemporaneidade do processo de implantação entre eles da atividade turística, sem descuidar de uma perspectiva diacrônica. Proponho a interpretação desse processo como a apropriação indígena do turismo, na expressão que utilizei para descrever o que compreendo como a pacificação/domesticação pelos índios da atividade turística. Nesse processo, conforme descrevo, os Pataxó lançam mão de sutis e sofisticadas estratégias de emulação, imitação e contraste com os conceitos e objetos “dos brancos” utilizados para fazer o turismo. Proponho que através de uma leitura etnograficamente informada dessas estratégias é possível compreender a forma como os Pataxó articulam a manutenção da tradição e a instituição da mudança em sua sociedade, constituindo-se como protagonistas delas e não como suas vítimas.

Palavras-chave: Pataxó, Apropriação, Turismo, Domesticação, Economia.

The tourism domestication: Pataxó strategies in relation to agents and travel agencies in Red Crown

Abstract: The relations between Pataxó Indians of Coroa Vermelha, in the municipality of Santa Cruz Cabrália - BA, with the officials of regional tourism, particularly receptive tourism agencies are fundamental to local sociability. By conducting ethnographic research in the village of visits interspersed Coroa Vermelha, comprising a total period of eight months, I observed and described the contemporaneity of the deployment including the tourism process, without neglecting a diachronic perspective. I propose to interpret this process as indigenous ownership of tourism, I used the expression to describe what they understand as the pacification / domestication by the Indians of tourist activity. In this process, as I describe, the Pataxó resort to subtle and sophisticated strategies of emulation, imitation and contrast the concepts and objects “whites” used to make tourism. I propose that through a reading ethnographically informed of these strategies is possible to understand how Pataxó articulate the maintenance of tradition and the institution of change in their society, constituting them as actors and not as victims.

Keywords: Appropriation, Pataxó, Taming, Tourism, Economy.

1. Introdução

No presente artigo apresento resultados de uma pesquisa de campo empreendida entre os Pataxó meridionais desde o ano de 2005 e tematizo sua relação com o turismo, destacadamente com agências de receptivo turístico¹. A pesquisa realizada é etnográfica e foi desenvolvida em incursões intercaladas ao campo entre os anos de 2008 e 2012, totalizando um período de oito meses. A partir da pesquisa observei diversas fases do processo de inserção da atividade turística no modo de vida da comunidade Pataxó. Embora tal processo possa ter seu início situado nos anos 1970 e sua acentuação nos final dos anos 1990, objetivei compreender sua situação atual, considerada como de fluxo turístico estabilizado.

* Professor do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e do Curso de Turismo da UFJF; Doutor em Antropologia PPGA/UFBA e Mestre em Cultura e Turismo UESC/UFBA; E-mail: sandrocamposneves@yahoo.com.br

A antropologia que tem se dedicado ao estudo das comunidades receptoras de turistas, bem como das relações estabelecidas pelos próprios turistas em viagem, tem se apresentado como campo de tensões crescentes a partir da década de 1970. Uma das questões sob a qual essa tensão se manifesta de forma mais marcante é a da etnicidade. Sobre essa questão, tem trabalhado pensadores nacionais como Grunewald (2003) e teóricos em nível internacional como McCannel (1992), Graburn (1984) e Van den Berghe; Keyes (1984). Os pontos cardeais do debate foram apontados de forma contundente por Oliveira (2004 p.32). “Os debates sobre etnicidade apontam sempre para uma bifurcação de posturas: de um lado, os instrumentalistas (Barth 1969, Cohen 1969 e 1974, e outros), que a explicam por processos políticos que devem ser analisados em circunstâncias específicas; de outro, os primordialistas, que a identificam com lealdades primordiais (Geertz 1963, Keyes, 1976, Bentley, 1987).”

A partir dessa dicotomia, prevaleceu durante boa parte dos anos 1990 e 2000, no campo dos estudos turísticos as formulações de McCannel e Graburn e o representante brasileiro desta vertente Grunewald. Estes desenvolvem uma abordagem em que as relações que comportariam o liame étnico, entre turistas e comunidades locais receptoras de turismo, apresentariam modificações que têm relação com o próprio turismo. Para os autores, haveria o que se pode chamar de “encenação da etnicidade” (Maccanel, 1992; Grunewald, 2003)

Na visão construída por esses teóricos, os nativos, em função de suas necessidades e através de um investimento simbólico, estariam fabricando uma espécie de etnicidade para exibição, o que seria uma releitura do instrumentalismo político, agora capitaneado pelos esforços mais diretamente econômicos. Nessas teses, os nativos seriam percebidos como indivíduos voltados para demandas de subsistência que, num certo sentido, capitalizariam a cultura e transformariam a tradição. Assim, transfigura-se o turismo na tabula rasa contemporânea do capitalismo, a solapar culturas e economias locais, submetendo-as aos ditames da lógica capitalista imposta pela neocolonização.

Por outro lado, autores como Cole (2007) e Resinger & Steiner (2005a e 2005b) questionam a representação construída por aqueles outros autores a respeito das transformações da identidade local diante do turismo, apontando-os como objetivistas. De acordo com Resinger & Steiner (2005b p.68, *Tradução Minha*) “Esses objetivistas vêem a autenticidade como uma propriedade real do objeto turístico que pode ser medida de acordo com critérios absolutos e objetivos”. A essas teorias as duas autoras opõem a distinção entre autenticidade objetiva e autenticidade subjetiva. A primeira é identificada como uma perspectiva objetivista, visualizando a autenticidade no objeto. A segunda o é da perspectiva da prática, cuja autenticidade é resultado das representações e ações dos sujeitos, que se vêem como autênticos, visualizando-se numa situação livre dos constrangimentos sociais da vida cotidiana. De acordo com essa perspectiva, os novos objetos produzidos no contexto do contato turístico, conforme as interpretações, elaboradas pelas comunidades reais, sobre a sua cultura e história, seriam objetos autênticos por essa mesma razão. Assim, a autenticidade, na teoria proposta por esse segundo grupo de autores, estaria mais nas práticas de releitura “autorizadas”, isto é endógenas, da cultura e história de um povo, do que num passado objetificado pela idéia de manutenção da tradição.

Há ainda a se considerar a construção mais ampla do campo teórico Pataxó que em muito extrapola meramente a questão do turismo. Esse campo pode ter seu início corretamente situado nos trabalhos do antropólogo Pedro Agostinho Silva. Foi também Pedro Agostinho quem liderou uma expedição aos Pataxó, no final dos anos 1960, à qual se incorporaram alguns estudantes que, posteriormente, vieram a constituir, com seus trabalhos e os de seus seguidores, o campo etnológico Pataxó. Alguns desses pesquisadores e as preocupações que nortearam os trabalhos iniciais em relação aos Pataxó foram organizados em torno do Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro – PINEB. Identifico como a principal continuadora das idéias iniciais que balizaram a construção desse campo a pesquisadora Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, atual coordenadora do PINEB e autora de trabalho indispensável sobre os Pataxó (Carvalho, 1977), que considero a base de construção do campo etnológico Pataxó. Obviamente, são diversos os trabalhos produzidos ao redor dessas influências, bem como suas nuances de perspectivas, embora considere acertado dizer que convergem no intuito de centrar esforços numa abordagem etnográfica sistemática e aprofundada dos diversos domínios da sociabilidade Pataxó.

Posso destacar, além dos trabalhos já mencionados desse campo etnológico Pataxó, trabalhos como os de José Augusto Laranjeiras Sampaio (1993, 1994, 1996, 1997, 2000). Tais trabalhos, um conjunto de laudos de demarcação e diversos outros documentos oficiais, dão largamente conta da presença, história e importância Pataxó na região Sul da Bahia, bem como esclarecem, de maneira significativa, os movimentos de sua territorialização, fundamentais à minha abordagem a respeito da territorialidade.

Autores como Sarah Miranda (2006 e 2009), Francisco Cancela (2007) e Florent Kohler (S/d) podem ser destacados como continuadores dessa tradição de pesquisa em suas bases fundamentais

de aprofundamento sistemático da socialidade Pataxó. Destaco os trabalhos de Miranda (*Ibid*), com pesquisas voltadas para a questão da infância e outras concernentes a esse tema central, tais como educação escolar, socialização e territorialidade, em decorrência de seus importantes desdobramentos, sobretudo em temas que interessaram, significativamente, às análises que realizo. Do conjunto desses trabalhos emerge uma perspectiva sobre os Pataxó que, por um lado, se afasta da paupérrima concepção dos índios do nordeste como destituídos tanto de sua própria indianidade quanto da consciência a esse respeito, e, por outro, rejeita também a ideia de que a introdução desses índios na ‘modernidade’ da sociedade nacional tenha sido uma espécie de nova colonização, a solapar completamente as culturas e a diferenciações étnica dos índios do nordeste. Na realidade, essa produção etnológica constitui demonstração, com ampla autoridade teórica e etnográfica, justamente do oposto, i.e., a persistência da coerência e consistência do sistema simbólico Pataxó, que constitui o que designo por sua cosmologia. Advogo, ainda, o argumento de que esse sistema simbólico emula a sociedade nacional na aparência para, através de operações simbólicas sutis, fazê-lo, na realidade, funcionar a partir de sua própria lógica, como suponho que constitui bom atestado a forma como os Pataxó se apropriam da atividade turística e constroem uma maneira singular de com ela operar.

Há, ainda, a balizar as análises por mim realizadas ao longo deste trabalho, o campo de investigação dedicado ao turismo em Terras Indígenas. No caso dos estudos brasileiros, embora tenham menor tradição do que os internacionais, suscitam muito mais interesse à minha análise, uma vez que o contexto empírico brasileiro é significativamente diferente do internacional. Desses estudos é relativamente seguro dizer que os trabalhos de Grunewald (1999) com os próprios Pataxó são os mais antigos e de maior repercussão. Conforme anteriormente relatado, os trabalhos do autor se alinham a uma posição que defende que a encenação da etnicidade constitui corolário da atuação turística dos índios.

Desse campo, ainda incipiente, emergem trabalhos que tratam da dimensão territorial envolvida na apreensão indígena do turismo, tal como em Oliveira (2006), que demonstra a forma como a compreensão Krahô de território é afetada pela realidade turística, identificando um novo contexto no que concerne à velocidade e facilidade dos descolamentos. Lac (2005), a respeito dos Kaingang, e Marcon (2006), sobre os Guarani, ambos no Rio Grande do Sul, bem como o próprio Oliveira discutem a questão relacionada às possibilidades econômicas do turismo -- enfatizada no trabalho de Lac --, o papel do comércio de artesanato como arena em que se coloca em jogo tanto a construção da identidade quanto a visibilidade da cultura Kaingang e a apropriação indígena do turismo. A partir dessas considerações iniciais a respeito do campo de estudo sobre turismo em Terras Indígenas, cumpre apresentar a seguir o objeto da presente pesquisa, descrevendo o território Pataxó e algumas de suas características.

A aldeia pataxó de Coroa Vermelha se localiza a aproximadamente 17 km do centro do município de Porto Seguro e faz parte do município de Santa Cruz Cabrália, do centro do qual dista cerca de 8 km. Inicialmente considerada apenas um bairro de Santa Cruz Cabrália, a região foi reconhecida e demarcada como Terra Indígena em 1996. A partir dessa data, a Terra Indígena Coroa Vermelha passou a se constituir de uma área de 1.420 hectares às margens da BR 367, na praia de Coroa Vermelha, denominada Gleba B, e uma área de 72 hectares, distante cerca de 7 km da praia de Coroa Vermelha em direção à Mata, denominada Gleba A (Sampaio, 1996).

Figura 1: Localização da Aldeia de Coroa Vermelha



Fonte: modificado do aplicativo Google Earth, 2012

Nessas duas áreas é desenvolvido o turismo que envolve os Pataxó na região. Na gleba B, a da praia de Coroa Vermelha propriamente dita, se desenvolve um comércio de artesanato indígena para turistas que se baseia, em grande medida, na visitação massiva ao marco do descobrimento do Brasil, construído ali no contexto das comemorações dos “500 anos de descobrimento do Brasil”. Na gleba A, por outro lado, se desenvolve outro tipo de turismo, que será o foco de minha análise baseado na construção de uma estrutura e de atrativos próprios pelos Pataxó, que visa possibilitar outro tipo de experiência turística, tanto para índios quanto para turistas. Essa experiência se estabelece nos marcos do Projeto Pataxó de Ecoturismo da Reserva Jaqueira, nome dado à gleba A da demarcação. Para os índios, a experiência é diversa, pois lhes permite autonomia para criar produtos, estruturas, atrativos e discursos a respeito de si próprios. Para os turistas a diversidade se encontra na oportunidade de experimentar um contato mais detido com os índios, o que o tipo de turismo que se realiza na região de praia não permite.

A ocupação da região pelos Pataxó se inicia na década de 1970 e tem relação com a função de entreposto comercial exercida pela área já naquele período. Os Pataxó, de acordo com relatos dos índios, bem como da bibliografia disponível sobre o assunto (Carvalho, 1970; Sampaio, 1996; Grunewald, 1999), se dirigiram para região interessados nas possibilidades de melhoria de vida eventualmente oferecidas pelo comércio na região. Itambé, o primeiro Pataxó de que se tem registro nessa nova ocupação da região², relata ter se estabelecido inicialmente como comerciante de “secos e molhados” na região e, posteriormente, vislumbrando o interesse dos turistas, se tornado produtor e comerciante de artesanato. A idéia inicial parece ter sido a de que o comércio regional seria favorecido pelo seu papel de entreposto, ocasionado pela conclusão da pavimentação da BR 367 e da BR 101 na região nos anos 1970. No entanto, terminada a construção desses trechos de estradas federais, elas ocasionaram também a chegada massiva de turistas à região. Desde então o comércio de artesanato tornou-se uma das principais atividades econômicas dos Pataxó e provavelmente a mais lucrativa, considerando-se sua sazonalidade.

Na aldeia existe, desde o ano de 2000, um centro de artesanato, um estacionamento e o símbolo da cruz, conhecido, entre os índios, como “o cruzeiro”, que representa o local da primeira missa. Essas referências já existiam antes, no entanto, no marco das comemorações dos 500 anos do Descobrimento, o governo federal à época construiu uma nova estrutura. Reformulou-se o centro de artesanato, antes composto por barracas de praia, transformado agora em uma bela construção de madeira e palha de estilo rústico e alusões à estética indígena. O estacionamento teve o chão de terra cimentado e recebeu uma guarita para fiscalização de entradas e saídas. Foram construídos também um novo símbolo da cruz da primeira missa e um museu indígena, o que terminou por criar um conjunto de edificações, estabelecendo um complexo indígena na região. É a esse complexo que os Pataxó denominam Parque Indígena.

Nesse processo a atividade turística se torna decisiva para a sobrevivência Pataxó em Coroa Vermelha e é continuamente integrada ao modo de vida local. No entanto, na perspectiva que proponho esse processo de integração não se dá como um solapamento gradual do modo de vida nativo à maneira dos chamados processos de aculturação. Antes, proponho a interpretação de que tal integração ao sistema turístico acontece nos marcos do que chamo de indianização do turismo ou apropriação Pataxó do turismo.

Chamei esse processo de indianização do turismo, no mesmo sentido em que Sahlins (1997 p.53) se refere à indigenização da modernidade, como projeto de visão reflexiva sobre a inclusão das culturas indígenas no “sistema mundial”. Na perspectiva que defendo a integração indígena na atividade turística se dá como um processo de apropriação pela cultura nativa do turismo, e do conjunto simbólico-conceitual que o acompanha, a partir dos entendimentos propostos por sua própria cosmologia. Assim, procuro demonstrar que o objeto – no caso o turismo – não carrega consigo a cosmologia que lhe deu origem, a funcionar como um manual de instruções para utilizá-lo. Suponho - como Sahlins (2007) a respeito da integração chinesa ao capitalismo contemporâneo – que, pelo contrário, “O capital e as mercadorias do Ocidente não avançam com facilidade por meio de efeitos de demonstração [...] sua reprodução e seus significados locais logo se achinam.” (p 503). Compreendo, portanto, o que chamo de apropriação indígena do turismo como a domesticação do exógeno pela sociedade Pataxó. Ressalto que trato o termo domesticação aqui, de maneira semelhante a que o fazem Albert & Ramos (2002) com o termo pacificação. Entendo, portanto, apropriação indígena do turismo como um processo de pacificação/domesticação do exógeno pela sociedade Pataxó analisado desde uma perspectiva reflexiva, baseada no ponto de vista da comunidade indígena. Dessa forma, antes de visualizar a apreensão do turismo, conforme o senso prático ocidental, como se baseando na invenção turística da tradição (Maccanel, 1992), apreendo-a a partir do sentido de tradição que lhe atribuem os Pataxó.

Dessa forma, considero que a cultura indígena Pataxó se apropria do turismo em seus próprios termos, utilizando para isso um processo de emulação do turismo tradicional à maneira ocidental. Suponho que nessa emulação é possível se perceber um sutil deslocamento significativo do turismo, que passa então a ser um objeto Pataxó no contexto do qual a tradição é processualmente refletida. Assim, proponho aqui um

olhar reflexivo, a partir da perspectiva nativa, do processo de integração indígena à atividade turística que nos permita vislumbrar, antes que a mera invenção aleatória da tradição, sua apropriação do objeto, que termina por se apresentar, ele mesmo, como reflexo da tradição nativa. Assim, postulo que o que acontece na experiência dos Pataxó é a apropriação do turismo pela tradição indígena e que, entendida a tradição como processual nos termos de Toren (1988), o objeto exógeno se torna reflexo da tradição e não objeto da destruição cultural.

Tratarei, nesse trabalho, das relações entre os Pataxó e os agentes locais de turismo, no âmbito do que tenho procurado demonstrar ser o turismo indígena. Tenho procurado evidenciar que a apropriação que os índios fazem do turismo promove um deslocamento em seu significado dominante, “Pataxóizando-o”. Procurarei, agora, abordar alguns aspectos em que considero que esse deslocamento se apresente mais perceptível, quando estão em jogo terminologias e estruturas trazidas aos Pataxó a partir do turismo.

Apropriando-se de objetos, ideias, estruturas e esquemas comerciais típicos da atividade turística tal como funciona para o restante da sociedade brasileira, os Pataxó produzem, nos termos e limites que a estrutura comercial da atividade lhes impõe, um modelo turístico indígena. Tal modelo não apenas não passa despercebido pela sociedade envolvente, como frequentemente é por ela incorporado, tal como sugerido por Rolnik (1986), em um movimento de tentativa do sistema de re-abarcar suas margens e reintegrar as produções contra-hegemônicas ao funcionamento do sistema. Assim, o modelo Pataxó, bem como vários outros modelos de turismo desenvolvidos por pequenas comunidades, inspira e fundamenta as discussões sobre modelos de desenvolvimento da atividade em moldes “comunitários”, “associativos” ou “participativos”.

Figura 2 – Publicidade Turística da Prefeitura de Porto Seguro mediante utilização da imagem indígena.



Fonte: Acervo Pessoal

No processo de apropriação do turismo, os Pataxó tomaram para si estruturas e ideias desenvolvidas por agências de turismo, guias de turismo e pacotes turísticos, produzindo modelos próprios de cada um deles, sob a forma de apropriações singulares dos objetos originais que passam a funcionar dentro do sistema de ideias Pataxó, tal como é possível perceber ao serem os objetos turísticos Pataxó contrastados com seus duplos, dos quais eles se originam.

2. Agência Pataxó de Turismo: tradição e experimentação

No período em que fiz minha primeira visita ao campo ainda operava, ativamente, a agência Pataxó de Ecoturismo, a ASPECTUR que, embora não extinta, hoje em dia praticamente não encontra mais função para si ou empenho dos Pataxó para seu funcionamento, por razões que abordarei. Essa agência

foi criada ainda no início dos anos 2000 com a finalidade de ser um elemento da autonomia Pataxó diante do esquema turístico já organizado em Porto Seguro e região. Essa é, ao mesmo tempo, a razão de sua extinção e de como sua análise se torna significativa para o entendimento do turismo indígena.

A ASPECTUR foi criada pouco tempo depois da criação do próprio Projeto de Ecoturismo da Jaqueira, mais tarde denominado apenas de Projeto Jaqueira. A agência traduzia um diagnóstico apurado da realidade do esquema turístico da região, o de que se um determinado produto não integra e dialoga com os interesses dos agentes dominantes do turismo na região (leia-se a operadora turística CVC) está fadado ao fracasso. Tal realidade, constatada em diversas pesquisas (Brunelli, 2007; Anjos Junior, 2008) que apontam para o monopólio quase absoluto que essa operadora exerce sobre o turismo na região, fez com que os Pataxó inicialmente identificassem alternativas, já que não integravam o eixo de interesses dominantes.

O turismo em Porto Seguro se não é absolutamente monopolizado é, ao menos, fortemente hegemônico pelo serviço de apenas uma operadora turística, a CVC Turismo. Além de ser a quase exclusiva operadora no que diz respeito à formatação de pacotes turísticos, a CVC possui agências que comercializam, diretamente ao consumidor final, seus pacotes. Essa situação confere à CVC papel de quase monopólio sobre a organização turística do destino Porto Seguro e suas adjacências, entre as quais a aldeia de Coroa Vermelha. Sendo a principal formatadora de pacotes turísticos, a operadora monopoliza, até certo ponto, as visões que o turista tem da região, uma vez que, por exemplo, a publicidade que se faz do destino é baseada nos pacotes de passeios que existem formatados para comercializar. Além disso, a possibilidade que o turista tem de conhecer o destino é severamente limitada pelos pacotes da CVC, uma vez que para o turista é infinitamente mais prático, rápido e barato solicitar um dos pacotes já existentes do que encontrar - ele próprio ou através de uma agência - meios (de transporte, de hospedagem e de prestação de serviços diversos, tal como de guias) para conhecer partes da cidade que estão fora do roteiro da CVC.

A situação em que se encontravam os Pataxó quando da criação da ASPECTUR era, portanto, de um atrativo turístico regional que não estava incluído na visão global que a CVC fazia do destino, portanto, não haviam meios facilitados para que o turista visitasse a aldeia. Se determinado turista desejasse visitar qualquer ponto da aldeia de Coroa Vermelha que não fosse o marco do descobrimento, nos anos 1990, teria que encontrar meio de transporte próprio e contratar, por si, um serviço de guia que lhe fornecesse informações. No entanto, o dado mais grave dessa situação para o projeto de turismo Pataxó era que o turista não possuía meios para se informar sobre a possibilidade de visitar a aldeia de Coroa Vermelha, uma vez que não se produzia nenhuma publicidade de largo alcance sobre isso. A publicidade que se produzia, localmente, não tinha qualquer condição ou apoio para acessar o turista. Conforme relata Grunewald (1999) e os próprios Pataxó, no momento da criação do Projeto Jaqueira de Ecoturismo os índios receberam auxílio de funcionários de órgãos municipais e federais de meio ambiente e também de agentes do turismo. No entanto, muito pouco desse apoio vinha pela via institucional, de fato sendo prestado por seus funcionários mais numa condição de amigos e aliados dos Pataxó do que como formalmente vinculados a instituições e empresas.

Esse contexto é que deu causa à criação da ASPECTUR. Não encontrando meios de se inserir no circuito turístico local e não dispo de apoio firme de empresas ou instituições que pudessem realizar tal operação, o caminho encontrado pelos Pataxó foi criar sua agência. Ela foi pensada como organização mista que realizava a venda ao consumidor final, o turista, bem como formatava o pacote de visitação e, portanto, fornecia meios (de transporte e de prestação de serviços) para a concretização da visita. No contexto de criação da ASPECTUR foi necessário, então, elaborar um roteiro para a visitação turística que norteasse a forma como se apresentava a Reserva da Jaqueira para o seu público consumidor. Tal processo foi tema da dissertação de mestrado de Castro (2008) e, portanto, já recebeu registro aprofundado. Para os objetivos deste trabalho importa recuperar apenas parte desse processo a respeito da criação da agência e da forma como ela possibilitou, num primeiro momento, a apropriação do turismo pelos Pataxó. Assim, criada a ASPECTUR, foi criada também uma cartilha de turismo para a Reserva da Jaqueira. Essa cartilha fazia parte do processo de formatação do pacote turístico de visitação à Jaqueira, tal como elaborado pelos Pataxó.

A formatação desse pacote não requeria apenas o fornecimento de meios para a realização da visita, sendo preciso "criar" o produto. Obviamente que a Reserva da Jaqueira, bem como o Projeto Jaqueira de Ecoturismo já existiam, mas era preciso construir a história desse produto, definir que tipo de experiência ele forneceria ao turista, quais realidades ele abordaria e quais reações pretendia despertar. Esse processo de formatação do pacote turístico, descrito detalhadamente por Castro (*Op. Cit.*), é que deu causa à narrativa fortemente estruturada que atualmente se presencia na Jaqueira. Durante o processo de desenvolvimento do roteiro de visitação foram definidos pontos considerados importantes para os Pataxó, e que deveriam ser mostrados aos turistas. Essa escolha, para os Pataxó como para qualquer agência ou operadora que formate pacotes, não levou em consideração apenas o que se desejava mostrar,

mas o que se considerava que o outro esperava ver. Assim, o pacote turístico, ao abordar o que supõe que o outro espera do produto/destino turístico, diz mais sobre a minha própria visão do outro do que necessariamente da minha auto-imagem ou a imagem que concebo do meu produto/destino turístico.

A partir dessa pressuposição é que se pode ler o processo de criação do pacote de visitação à aldeia da Jaqueira como uma leitura Pataxó sobre o turista, mais do que como uma leitura Pataxó sobre sua própria cultura. Considero que essa é, em parte, a razão pela qual, para qualquer um que conheça os Pataxó e tenha a oportunidade de visitar a reserva da Jaqueira, esse passeio se afigura a uma visita a uma hipótese sobre a cultura Pataxó. Em certo sentido, tudo na visita à Reserva da Jaqueira parece um exagero e, no limite, uma “invenção” baseada no acervo cultural Pataxó.

Considero que tal situação é assim porque o passeio não é baseado naquilo que os Pataxó consideram a tradução ideal de sua cultura, mas no que consideram que o turista deseja ver de sua cultura. No entanto, dizer que a visita à Jaqueira parece uma invenção não é o mesmo que dizer que a Jaqueira é, em si mesma, uma invenção, ou que a cultura Pataxó ali apresentada é artificializada, ficcional ou qualquer coisa do gênero. Assim como a realização de um *CityTour* por Paris, Salvador, Recife, Roma ou Amsterdã está longe de ser uma experiência de conhecimento aprofundado da cultura local tal como vivenciada no cotidiano de seus moradores, o pacote de visita à Jaqueira não pode ser esperado como algo mais do que uma visão panorâmica e hiperbólica sobre a cultura local.

Já realizei alhures (Neves, 2010; 2012), como outros (Castro, 2008; Grunewald, 1999), relatos pormenorizados sobre a visita à Reserva Jaqueira, de forma que, aqui, apenas reproduzirei esquematicamente as etapas que ela compreende, com o objetivo de realizar uma discussão a respeito das imagens transmitidas sobre a cultura Pataxó pela visita. Ela se compõe de uma recepção com palestra, representação do Awê (ritual Pataxó), passeio pela Reserva (viveiro de mudas, Quijeme do Pajé, centro de artesanato, escola indígena) e almoço com peixe na folha de patióba. Essa representação corresponde a uma idealização elaborada pelos Pataxó, ao longo de alguns anos, sobre o que se considera que o turista deseja ver.

A recepção/palestra tem o intuito de informar ao turista aspectos gerais da concepção do Projeto Jaqueira, bem como do que observarão no decorrer da visita e também sobre a população Pataxó. Desde essa narrativa inicial o processo de introdução do turista na cultura e na realidade Pataxó é apenas parcial, guiado por uma ideia local a respeito do que o turista deseja. Não se discute, usualmente, a questão da luta pela terra, as retomadas, o histórico da ocupação local ou aspectos expressivos da cultura (artesanato, língua, etc.), ou seja, não se discute a atualidade da cultura indígena. Durante a palestra em geral é apresentada uma visão hiperbólica a respeito da tradição local. Uma história que por vezes procura remeter ao presente um passado de tradição que é imaginado e que não corresponde, tampouco, ao que se sabe a respeito da tradição Pataxó.

Na palestra relata-se, costumariamente, entre outras coisas, que entre os Pataxó a pintura é utilizada cotidianamente para caracterizar pessoas e diferenciar funções, posições e estados (casados, solteiros, pajés, caciques, etc.). Costuma-se dizer que o namoro tradicional ocorre por meio de um jogo de corte realizado com a utilização de pedrinhas (o pretendente joga uma pedrinha na direção da pretendida e essa corresponde, ou não, à corte, também se utilizando de pedrinhas para se comunicar). Diz-se que o ritual do Awê é dançado todos os dias para celebrar os espíritos da natureza. Enfatiza-se a história do projeto Jaqueira de Ecoturismo como a tentativa Pataxó de manutenção do seu modo de vida em uma perspectiva ecológica de harmonia com a natureza. Do mesmo modo que se refere à questão da preservação ambiental como intrínseca ao modo de vida e ao próprio caráter da população Pataxó. Essa narrativa inicial é a base das etapas posteriores.

Segue-se à palestra uma representação do Awê, ritual Pataxó, recuperado da tradição indígena. Após a dança é feita uma excursão pela Reserva da Jaqueira, na qual se visita o viveiro de mudas de planta medicinais, momento em que os índios apresentam aos turistas sua visão sobre a tradição medicinal indígena, ou seja, que os Pataxó sempre tiveram conhecimentos sobre as plantas e que as utilizavam, e ainda utilizam, para o tratamento de doenças, mencionando-se, rapidamente, o pajé Itambé. Ainda são visitados o quijeme do antigo pajé da Reserva da Jaqueira. Nesse momento informa-se aos turistas que a Reserva está sem Pajé, mas que há índios que se preparam para ocupar esse cargo, no futuro. Faz-se uma visita à escola da Reserva, ocasião em que se enfatiza a questão da educação multicultural. Depois disso os turistas são conduzidos ao centro de artesanato, onde ouvem sobre o artesanato local produzido e, por fim, são levados a um almoço tradicional de peixe na folha de patióba.

Essa narrativa é o que se costuma compreender na sociedade regional como parte de um embuste para atrair turistas. Obviamente é bastante diferente a visão regional e a interpretação que faz Grunewald (1999) de todo o processo que ele chama de “(re)invenção da cultura Pataxó”. O autor interpreta essas criações da cultura ligadas ao turismo como elementos de uma instrumentalização, inclusive política, da

etnicidade. Nesse processo, que se origina com a intervenção do indigenismo oficial sobre as populações indígenas do nordeste, os traços da cultura Pataxó seriam recriados para funcionar em outra realidade, a turística. Embora a interpretação do autor explique parte considerável dessa realidade não constitui uma de suas preocupações proceder à interpretação do processo de apropriação do turismo pelos Pataxó, do qual me ocupo neste trabalho. Assim, embora tenha me referido, constantemente, às suas interpretações, não as encampo, uma vez que as mesmas não se aplicam ao atendimento dos objetivos deste trabalho, de forma que tenho buscado outras perspectivas de análise.

Minha apreensão desse aspecto da experiência turística Pataxó não corresponde, portanto, a nenhuma das duas linhas de raciocínio supracitadas. Na forma como as interpreto, essas narrativas hiperbólicas e representações públicas da cultura Pataxó têm relação mais direta com questões concernentes às relações interétnicas. De acordo, pois, com a minha visão, os Pataxó constroem essas representações, aparentemente muito distantes da sua tradição, tendo como modelo a forma como concebem as relações com os brancos e, mais exatamente, com os turistas. Inúmeras vezes perguntei-lhes por que, se aquele modo de vida representado não era o do cotidiano dos Pataxó, insistiam em apresentá-lo ao turista? Essa pergunta era sempre respondida apelando-se para alguma explicação que começava pelo resgate da tradição e terminava em um simples “porque é isso que o turista quer ver”.

Ao me explicar, por exemplo, como surgiu a ideia de servir um almoço tradicional e de por que o prato escolhido foi o peixe na folha de patioba, Capimbará elabora um argumento que converge, justamente, com a interpretação que evoco da questão. Um dos fundadores do Projeto Jaqueira, ele conta que, naquela época, “[...] os turistas vinham visitar perto da hora do almoço e ficava todo mundo com fome, nós e eles” porque, ocupados em atender aos turistas, eles próprios não se preocupavam em fazer o almoço. Da necessidade de atender aos turistas, bem como de regrerem sua própria alimentação, surgiu a ideia de incluir no passeio uma refeição, pela qual se poderia também cobrar. No entanto, não se havia decidido, até ali, qual refeição servir. Capimbará prossegue relatando “[...] foi aí que eu comecei a lembrá de que quando eu era criança minha mãe fazia para nós o peixe na folha de patioba”. A partir dessa lembrança da infância, de um costume pertencente ao acervo cultural cuja prática caíra em desuso, surgiu o peixe na folha de patioba como parte do pacote turístico Pataxó.

Outros aspectos da representação da cultura Pataxó elaborada para os turistas também incluem esses dois elementos. Por um lado, a necessidade de se compor um atrativo que interessasse aos turistas e, por outro, a necessidade de recuperar, do acervo cultural, traços considerados tradicionais. Essa recuperação foi sendo realizada, ainda que certos itens e agentes não façam mais parte do cotidiano Pataxó, tais como as pinturas (utilizadas em ocasiões especiais), o uso das ervas medicinais e a presença do pajé para a realização dos rituais ou mesmo quando se tratam de costumes cuja presença no acervo cultural Pataxó não pode ser precisada, como as pedrinhas do namoro.

Na opinião de muitos dos Pataxó e, sobretudo, na daqueles que propuseram o Projeto Jaqueira, os turistas tiveram, desde a década de 1970, e até mesmo antes disso, a oportunidade de ver e vivenciar o cotidiano dos Pataxó na região. Justamente por não ver nele nada de fantástico, os turistas jamais teriam verdadeiramente se interessado pela cultura e pelo modo de vida Pataxó. Por esse raciocínio os turistas, ao visitarem um determinado destino e conhecerem uma dada população não desejariam exatamente contatar seu cotidiano, mas dispor de uma narrativa que correspondesse aos estereótipos relacionados à visita. Essa interpretação que os Pataxó elaboram sobre o turista que recebem na Jaqueira é bastante similar à interpretação desenvolvida por Krippendorf (1989) e Molina (2003) sobre o turista de massa, exatamente o perfil de turista que mais se aproxima dos que visitam a região de Porto Seguro. De acordo com o primeiro, o turismo de massa tem por vocação realizar a confirmação recíproca dos clichês tanto de nativos quanto de turistas. Para o segundo, o turista de massa viaja, contraditoriamente, para destinos cuja cultura considera peculiar, mas busca a segurança e conforto aos quais está habituado em sua vida cotidiana, tendendo a - e mesmo buscando - se isolar, em empreendimentos hoteleiros como os *resorts*, da sociedade local.

Assim, a interpretação que alguns pataxós têm da relação com os turistas longe de ser ingênua é rigorosamente coincidente – embora elaborada em outros termos - com a de alguns dos maiores especialistas da pesquisa em turismo. Desse modo, uma primeira razão pela qual realizam o que estou denominando hipérboles sobre a cultura local resulta da forma como eles interpretam as relações interétnicas e como delas extraem sentido para uma experiência turística. A segunda razão que interpreto como fundamental para a compreensão da forma como se articula a representação da cultura no Projeto Jaqueira diz respeito ao papel que o turismo e a própria Reserva Jaqueira têm para os Pataxó.

Se houver concordância com a interpretação de Grunewald (1999) de que o que ocorre em Coroa Vermelha é um processo de re-articulação da cultura local nos termos de uma invenção à La Hobsbawn e Ranger (1984), é necessário indagar: como se dá essa “invenção”? qual o papel do turismo e da Reserva

Jaqueira nessa “invenção”? Em minha interpretação, a representação turística e a Reserva da Jaqueira funcionam como um “laboratório” da tradição e da etnicidade. Devido ao fato de viverem em uma realidade de contato interétnico desde que há notícias de sua existência e de que essa experiência tenha se intensificado bastante a partir da década de 1960, os Pataxó se aproximaram, crescentemente, da sociedade regional. Por essa mesma razão Grunewald (1999) recorre à ideia de “baianidade hegemônica” para abordar a auto-imagem elaborada pelos Pataxó, afirmando que na construção da etnicidade existe um aspecto que faz confluir a narrativa indígena para a narrativa de uma identidade regional, culminando com a figura dos índios baianos.

Assim, no modo de vida atual Pataxó o momento mais forte de vivência da alteridade não estaria mais no cotidiano de convivência com os regionais, mas nas situações que os colocam em relação com os turistas. É na relação com os turistas que a tradição recuperada do acervo cultural Pataxó é efetivamente posta a funcionar, no sentido de reproduzir a fronteira étnica. É na representação turística da tradição que se exercita, efetivamente, a distinção, mais do que da sociedade regional, daquele segmento social com o qual, no cotidiano, os Pataxó flagrantemente sentem pouca necessidade de se diferenciar. Nesse ponto, gostaria de retomar longamente análise de Carneiro da Cunha (2009 p 237, 238 e 240) a respeito da etnicidade em situações de contato extremo para fazer meu argumento a respeito do que ocorre com os Pataxó.

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna *cultura de contraste*: esse novo princípio que a subentende, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos. [...] Assim, a escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal depende dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem poder se opor, por definição, a outros do mesmo tipo. [...] Vimos que a questão de saber quais os traços diacríticos que serão realçados para marcar distinções depende das categorias comparáveis disponíveis na sociedade mais ampla, com as quais poderão se contrapor e organizar em sistema. [...] Mas essa dependência que limita as opções possíveis não é ainda uma determinação positiva. E tivemos de recorrer então à ideia de um “acervo cultural” do qual se retiram esses traços diacríticos, eventualmente reconstruindo-os. Novo resíduo, esse recurso à cultura, resíduo que é o quinhão de uma abordagem estruturalista, levada a invocar uma inércia, uma permanência das formas culturais. Se tais formas culturais situam-se dentro de um sistema estruturado de significantes, este sistema, embora confira seu sentido aos elementos que o compõe, por meio de oposições, correlações, etc., não determina, no entanto, inteiramente esses elementos. Ou seja, ao considerarmos essa dinâmica cultural, podemos parafrasear o que Lévi-Strauss objetou aos funcionalistas: os traços culturais selecionados por um grupo ou fração de uma sociedade não são arbitrários, embora sejam, no entanto, imprevisíveis. Resignemo-nos epistemologicamente e alegremo-nos com as surpresas que essa imponderabilidade nos reserva: a de vermos, por exemplo, instituições como a Igreja ou sociedade de amigos de bairro tomarem significações e alcance inesperados.

Dessa forma, é no contexto turístico que os traços étnicos (por mais fantasiosos que possam parecer), retirados do acervo cultural da tradição Pataxó, são exercitados, praticados, treinados ou, na analogia que utilizo, experimentados no “laboratório” da tradição. Lanço mão da analogia do experimento em laboratório justamente porque considero que, mais do que praticados ou treinados, esses costumes são colocados em risco. Para Sahlins (1990 p.189), ao serem atualizados, os significados dados num certo horizonte de significação são colocados em risco na ação, tanto pela conjuntura histórico-cultural presente quanto pelo valor intencional subjetivo de seu uso pelos sujeitos ativos. Considero que é desse mesmo modo que opera a experimentação Pataxó, colocando em risco histórico-cultural e de atuação subjetiva os elementos retirados de seu acervo cultural.

Nesse laboratório da tradição é que efetivamente é testado o sentido e a coerência da reativação de elementos do acervo cultural da tradição Pataxó em seu modo de vida atual, composto em grande medida pela experiência turística. Assim, antes que o motivador *per se* da reinvenção da tradição, considero o turismo e a experiência turística como a realidade empírica em face da qual os Pataxó realizam seus experimentos concernentes à etnicidade. É em face de uma realidade empírica inevitável que considero que os Pataxó compreendem a experiência turística. Dito em outros termos, a realidade empírica não constitui a razão das coisas, mas seu pano de fundo incontornável.

Essa experimentação, no entanto, não se reduz apenas à descoberta daquilo que viria a ser retomado na vida cotidiana como parte da re-articulada cultura Pataxó, mas estende-se à descoberta dos elementos que turisticamente funcionariam como narrativa atrativa. Por um lado, foi por meio da experimentação turística que se reinseriu o artesanato no modo de vida local. Destaco que esta reinserção foi de tal

magnitude que atualmente o conhecimento sobre o artesanato é tomado como homogeneamente difundido, como um conhecimento da comunidade (Barth, 2002). Por outro, foi também pela experimentação que se decidiu que o namoro através das pedrinhas serve como discurso turístico, embora não tenha utilidade na vivência cotidiana. A composição desse painel, no entanto, foi propiciada pela experiência da ASPECTUR, que permitiu aos Pataxó autonomia na criação do seu pacote turístico. Se num primeiro momento os Pataxó houvessem procurado ou se conformado com a formatação que lhes seria impingida pela principal operadora turística na região, a história, certamente, seria, hoje, outra, e o discurso turístico também.

Através da experiência da ASPECTUR na formatação do pacote de visitação, no atendimento aos turistas, na divulgação da visita e mesmo no oferecimento da visita a outras agências, é que foi possível criar um modelo indígena para a visitação turística. Tal modelo, se por um lado se assemelha ao usual do esquema turístico, priorizando o atendimento às demandas do turista em relação à vivência do cotidiano, por outro, é extremamente peculiar, fazendo o esquema turístico funcionar, na dinâmica social Pataxó, como laboratório da tradição.

No entanto, como mencionei anteriormente, a ASPECTUR não mais existe, tendo se esgotado após elaborar o modelo turístico Pataxó. À medida que aumentou o fluxo da visitação, os responsáveis pela agência foram se apercebendo do fato que propiciar os meios para a visitação, tal como o transporte, onerava o projeto, aumentando seus custos. Portanto, se transferissem tal função às agências já especializadas e estruturadas da região poderiam, uma vez que o modelo estava pronto, exercer controle sobre o modelo turístico local e obter maior ganho financeiro. Assim, se inicia outro momento do projeto turístico Pataxó, o das alianças com as empresas turísticas regionais. Essas alianças não se deram a esmo, mas seguindo o que se poderia chamar de uma política de alianças Pataxó aplicada ao turismo. Essa política seria presidida por critérios de afinidade relacionados à experiência anterior, tanto assim que a primeira agência a ser autorizada a vender a visitação para a aldeia foi a Pataxó Turismo. Ressalto que o estabelecimento de uma política de alianças baseada em afinidades afetivas é outro elemento que, por si, permite visualizar a intervenção de um padrão indígena na organização do turismo, assim como perceber aspectos interessantes da atividade turística em geral que normalmente passam despercebidas.

3. A Pataxó Turismo e outras agências de receptivo local: aliança, afinidade e parentesco

Como atividade econômica capitalista o turismo seria presidido, postula-se, pelo estabelecimento de uma lógica objetiva e racional, na qual as parcerias econômicas se baseariam em questões como a oferta do melhor preço ou serviço. No entanto, não é assim que funciona a atividade econômica numa sociedade indígena. Tal como inúmeros estudos podem relatar – destaque Sahllins, (2007b.) & Lévi-Strauss, (1982) – as atividades econômicas indígenas baseiam seu funcionamento na organização familiar, no parentesco, portanto. Tal situação se baseia primeiramente no fato relativamente óbvio que a sobrevivência está colocada em jogo e, por consequência, se dá preferências aos parentes, mas também na necessidade de estabelecer relações fora da família mais próxima (que reside numa mesma casa ou vizinhança) ao mesmo tempo transformando estranhos em parentes, de forma semelhante à lógica que Lévi-Strauss descortina para a instituição de casamentos, ou troca de mulheres. Assim, veremos que o estabelecimento de uma política de alianças Pataxó no turismo visa ao mesmo tempo favorecer parentes e afins e estabelecer novas afinidades, ampliando o alcance social da solidariedade e entreaajuda.

Para iniciar um relato conciso a respeito das relações dos Pataxó com outros agentes de turismo regionais é preciso realizar uma descrição dos tipos de relacionamentos que envolvem os Pataxó e os operadores do turismo receptivo na região. Como relatei anteriormente os Pataxó recorrem a esses operadores na medida em que vislumbram a complexidade financeira, tida como desnecessária, implicada na manutenção de uma agência própria de receptivo ao turista. Assim, a comunidade indígena recorre às agências regionais de receptivo turístico para que essas ofereçam pacotes de visitação à Reserva Jaqueira de forma que elas mesmas arquem com os custos de transporte dos turistas. Em troca os Pataxó lhes oferecem prioridade de atendimento e eventuais descontos, de forma que essas agências possam maximizar seus rendimentos. Assim, como já relatei anteriormente, a quase totalidade das agências de receptivo de Porto Seguro e Santa Cruz Cábralia oferecem o passeio de visitação à Reserva Jaqueira, mas apenas algumas delas possuem relação privilegiada com os Pataxó e usufruem com isso de benefícios comerciais. Por essa mesma razão, essas agências são aquelas que realizam a mais ostensiva publicidade desse tipo de passeio. A seguir tratarei de algumas delas.

A Pataxó Turismo não possui entre seus proprietários, sócios ou funcionários nenhum indígena que justifique o uso do nome (tampouco a legislação lhe obriga ao pagamento de *royalties*). A utilização do

nome é justificada por sua proprietária pela sua proximidade social com os índios. Segundo a mesma, tendo se deslocado de Salvador para Porto Seguro em busca de tranquilidade e da peculiaridade local, logo teve oportunidade e interesse em conhecer os Pataxó. Segundo sua narrativa, confirmada pelos Pataxó, a proprietária da agência buscou sempre auxiliar os Pataxó no empreendimento turístico, colaborando, inclusive, com a experiência da ASPECTUR, e se tornou, por consequência, sua primeira e principal parceira. Após a Pataxó Turismo, a parceira seguinte passou a ser a *Brazil Travel*, por intermédio de um guia turístico da agência aparentado de alguns dos índios envolvidos no Projeto Jaqueira. A partir dessas duas agências, consideradas como aliadas principais do empreendimento turístico na Jaqueira, foi-se constituindo uma rede de relações com as agências locais, até se chegar ao ponto atual de quase todas as agências de turismo localizadas no centro de Porto Seguro venderem visitas à Jaqueira. Essas agências vendem a visitação em parceria e com autorização dos Pataxó.

A Pataxó Turismo é, indubitavelmente, a agência com a qual prevalece uma parceria mais fortemente estabelecida em relação não apenas à venda, mas à totalidade do empreendimento turístico Pataxó. Inclusive, a referida agência foi colaboradora de primeira hora dos Pataxó para a construção de um roteiro denominado “rota das aldeias”. Esse roteiro, cujo funcionamento efetivo durou apenas o verão de 2010, embora subsistam planos de reativação, articulava visitas não apenas à Reserva Jaqueira, mas à região de praia da Coroa Vermelha e às aldeias Imbiriba, Aldeia Velha e Barra Velha. A um custo individual de R\$ 800,00 e com duração de três dias, o roteiro incluía pernoite em Coroa Vermelha, Imbiriba e Barra Velha e diversas demonstrações de representações da cultura, nas diversas aldeias. A ideia original do roteiro seria operar uma segmentação. Em Coroa Vermelha (incluída a Reserva Jaqueira) seria apresentada a história da presença Pataxó nos eventos do descobrimento e sua experiência turística atual. Em Aldeia Velha, o atrativo principal seria a agricultura local, que careceria de um incremento, e em Imbiriba o variado artesanato. Por fim, em Barra Velha o atrativo principal seria a tradição da “aldeia-mãe” e a história da ocupação Pataxó atual, contada desde o aldeamento no século XIX.

Tal roteiro se revelou, durante o período de realização da pesquisa de campo, economicamente inviável dado seu custo relativamente alto para um turista de poder aquisitivo baixo ou que se interessa pouco pela cultura local, uma vez que Porto Seguro segue sendo um destino de “Sol e Praia”. Ainda assim, sua simples concepção e colocação em operação no verão de 2010, bem como a publicidade e operação ainda existentes em 2012, já são suficientes para demonstrar o novo momento vivido pela experiência turística Pataxó em parceria com a sociedade dos brancos. Essa parceria, no entanto, não se estabelece como uma parceria comercial neutra, voltada à maximização dos rendimentos de ambas as partes. Eventualmente, os Pataxó receberam e recebem, propostas tidas como mais lucrativas e interessantes da parte de outros agentes, mas a opção e a fidelidade a certos parceiros tem relação com a interpretação que se faz das relações interétnicas na região.

Para os Pataxó a relação com a sociedade regional no turismo sempre foi de competição, se poderia dizer que essa relação, quando extrapola o âmbito do turismo, toma contornos até de conflito aberto e direto, embora compreenda também relações de afinidade dos mais diversos tipos. Ainda assim, a inserção dos índios no turismo regional pode ser descrita de diversas formas, mas certamente pacífica não seria uma delas. De atrativo turístico negligenciado pela principal operadora de turismo da região os Pataxó passaram a representar a imagem da cidade de Porto Seguro, como se vê na figura 2. No entanto, essa passagem, em que pese seu débito com os eventos de comemoração dos 500 anos do descobrimento, só foi possível, dizem os índios, pela parceria com alguns brancos. Desde agentes relacionados ao poder público, que fora de seus horários e obrigações funcionais prestaram ajuda na concepção do projeto turístico, até amigos e parentes relacionados ao mercado turístico que colaboraram em sua comercialização, o empreendimento turístico Pataxó só sobreviveu em função da apurada sensibilidade para a realização de alianças. É essa mesma sensibilidade política, baseada em princípios perfeitamente compreensíveis como retirados do acervo cultural Pataxó, que continua a presidir o desenvolvimento das iniciativas turísticas. Eventualmente, tal sensibilidade para a interpretação das relações interétnicas poderá responder por um avanço relativamente lento do projeto turístico indígena na região, mas os Pataxó certamente objetarão que é preferível preservar a rede de relações e optar por um avanço gradual e seguro. Tal proposição obviamente se baseia em amargas experiências anteriores de relações com os brancos, tal como se pode verificar nos relatos que explicam a diáspora Pataxó da aldeia de Barra Velha para outras aldeias da região, motivada por um ataque perpetrado por autoridades da sociedade dos brancos, evento que ficou conhecido como “fogo de (19)51”. Não há aqui espaço, e não contemplaria os limitados objetivos desse trabalho, me remeter a explicações aprofundadas a esse respeito. Recomendo a leitura de Kohler (s/d) e de Oliveira (2001) para que se compreenda como, desde que se têm notícias da atual população Pataxó, a relação com os brancos tendeu a tomar contornos dramáticos e ameaçar a própria continuidade da comunidade indígena³.

4. Conclusões

Objetivei ao longo desse trabalho demonstrar aspectos daquilo que compreendo como a apropriação indígena do turismo. Entendendo esse processo como a pacificação/domesticação indígena do turismo, relatei ao longo desse trabalho algumas de suas estratégias no que concerne à relação com as agências regionais de receptivo turístico. Considero esse espectro das relações entre os Pataxó e as sociedades regional e nacional especialmente simbólica para a compreensão da forma como os Pataxó interpretam as relações interétnicas e quais consequências tem essa interpretação para o funcionamento da atividade turística entre eles. Assim, procuro demonstrar como através das sutilezas de uma estratégia de emulação das empresas turísticas dos brancos, os índios formulam empreendimentos e relações comerciais baseadas em esquemas tradicionais de entendimento propostos pela cosmologia indígena.

Dessa forma, em um primeiro momento, procurei relatar a criação de uma agência Pataxó de Ecoturismo, a ASPECTUR, criada em primeiro momento - como emulação de uma agência de receptivo dos brancos - para dar conta da captação de turistas para a visitação do projeto turístico indígena na Reserva Jaqueira. Objetivei demonstrar que subjacentes à sutileza de uma simples imitação de agência de receptivo são urdidos sentidos para a agência turística indígena e para o próprio empreendimento turístico indígena. No contexto da criação dessa agência é que foram testados, naquilo que chamei de laboratório da tradição, elementos da cultura expressiva (artesanato, pinturas, danças), rituais, a língua própria, entre outros diversos elementos da afirmação de distintividade étnica Pataxó. Considero que precisamente por oportunizar a experiência da alteridade radical, o turismo é para os Pataxó fundamental ao exercício da tradição, bem como da fronteira étnica.

Em um segundo momento procurei relatar como, no estabelecimento de parcerias comerciais com agências regionais de receptivo turístico - esgotada a experiência da agência própria - os Pataxó expressam outra face do processo de apropriação indígena do turismo. No contexto do estabelecimento dessas parceiras, conforme espero ter demonstrado, os Pataxó colocam em jogo a construção de um esquema de alianças políticas para a prática comercial que pouco tem relação com o desiderato de um esquema racional-objetivo de relações de mercado proposto pela teoria econômica capitalista.

A proposição de um esquema de alianças baseada em parentesco e afinidade para as atividades comerciais Pataxó nos oportuniza uma proveitosa reflexão a respeito das relações econômicas nas sociedades ocidentais. O imperativo racional embutido como pressuposto da organização econômica capitalista funciona da forma propugnada, ou permite a interveniência de relações de afinidade e parentesco? Se, como me parece, para as sociedades ocidentais é possível pensar na interveniência de interesses diversos, tais como os familiares ou de afinidade, nos rumos da atividade econômica - dita objetiva e racional - é mister que se realize nova reflexão sobre vários aspectos anteriormente pensados a respeito da natureza do funcionamento do sistema econômico capitalista.

Espero, finalmente, que esse trabalho seja uma contribuição no sentido de explorar um aspecto da atividade turística pouco explorado pela teoria vigente, sua porosidade à tradição cultural local. Essa abordagem, um interstício com as preocupações a respeito da adaptação de modelos de desenvolvimento à cultura local, permite compreender que o turismo (tal como o próprio capitalismo) não tem, ou não teve até aqui, a capacidade de simplesmente "impor sua agenda" solapando os sistemas culturais locais. Antes o oposto, os sistemas culturais locais, quando este lhes interessou é que se apropriou do capitalismo (e do turismo) pondo-o a funcionar de acordo com suas tradições locais e, eventualmente, e sempre em acordo com seus interesses e entendimentos, adotando alguns dos conceitos que supostamente vem junto com ele. Dessa forma, deixando de entender o capitalismo (e o turismo) como tabula rasa a eclipsar culturas locais, suponho que seremos capazes de encontrar um caminho mais profícuo para o entendimento das relações econômicas, sob o capitalismo ou fora dele.

Bibliografia

- Albert, B & Ramos A.R. (orgs.)
2002. "Pacificando o Branco: Cosmologias do Contato no Norte-amazônico. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado.
- Anjos Junior, E.S.
2008. "Um olhar antropológico sobre a relação cultura-turismo em Porto Seguro-BA: Reflexões sobre a baianidade", Dissertação de Mestrado, Ilhéus-BA.
- Barth, F.

2002. "An Anthropology of Knowledge" In: *Current Anthropology*, The Weener-Gren Foundation for Anthropological Research, Volume 43, Number 1, February.
- Bourdieu, P.
2004. *O poder simbólico*. 7a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brunelli, L.H.
2007. "*Caracterização e análise do produto turístico costa do descobrimento: uma abordagem acerca do patrimônio cultural*." Dissertação de Mestrado, Ilhéus-Ba.
- Cancela, F.,
2007. "A Presença de Não-índios nas Vilas de Índios de Porto Seguro: Relações Interétnicas, Territórios Multiculturais e Reconfiguração de Identidade – Reflexões Iniciais". In: *Espaço Ameríndio*. V.1. N.1. Porto Alegre.
- Carneiro da Cunha, M.
2009. "Etnicidade: da cultura residual, mas irredutível". In: *Cultura com Aspas*. São Paulo, Cosac Naify.
- Carvalho, M. R. G.
1977. "*Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico*". Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFBA, Salvador.
- Castro, M.S.M.
2008. "*A Reserva Pataxó da Jaqueira: o passado e o presente das tradições*." Dissertação de Mestrado. PPGAS/UNB, Brasília.
- Cole, S.
2007. "Beyond Authenticity and Commodification" In: *Annals of Tourism Research* V.34 n.4 pp. 943-960.
- Graburn, N. H. H. ,
1984. "*The Evolution of Tourist Arts*" in: *Annals of Tourism Research*. vol. 11, 1984. p. 393-419.
- Grunewald, R.A.
1999. "*Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo*." Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN/PPGAS.
2004. "Etnogênese e 'regime de índio' na serra do Umã" In: OLIVEIRA, J.P. (Org.). *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa/ LACED
2004. Hobsbawn, E.& Ranger, T. (Org.).
1984. "A invenção das tradições." Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Kohler, F. s/d
- "*Uma Gênese Pataxó: o massacre de 51*". Sem indicação de referência da publicação.
- Krippendorf, J.
1989. "Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens." Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lac, F.
2006. "O turismo e os Kaingang na Terra Indígena de Irai/RS." Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFPR, Curitiba, 2006
- Lévi-Strauss, C.
1982. *As estruturas elementares do parentesco*." Petrópolis: Vozes.
- Leme, F.B.M.
2013. "*Das pregnancies simbólicas às novas possibilidades de significação - uma abordagem multidisciplinar sobre os guias de turismo e as narrativas sobre a cidade de Salvador*." Tese de Doutorado, Salvador: Programa de Pós-Graduação em cultura e Sociedade (PÓS-CULTURA).
- Maccanel, D.
1992. "Reconstructed ethnicity: tourism and cultural identity in Third World communities." In: McCannel. *Empty meeting grounds*. London Routledge. p.158-171
- Miranda, S.S.
2006. "*A construção da identidade Pataxó: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças de Coroa Vermelha*." Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
2009. "*Aprendendo a Ser Pataxó: um olhar etnográfico sobre as habilidades produtivas das crianças de Coroa Vermelha Bahia*." 244f. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Molina, S.
2003. "*O pós-turismo*." São Paulo: Aleph.
- Neves, S.C.
2012. "*A apropriação indígena do turismo: os Pataxó de Coroa Vermelha e a expressão da tradição*." Tese de Doutorado. Salvador: UFBA/PPGA.
2010. Eficácia ritual e eficácia turística: o ritual do Awê entre os Pataxó meridionais e o turismo. *Cultur*. Ano 04 n.2, pp.92-103.
- Oliveira C. V.
2001. "*Barra Velha - A Verdadeira História dos Índios Pataxó*", 2001

Oliveira, J.P. (Org.)

2004. *“A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena.”* 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa/ LACED.

Oliveira, V.M.

2006. *“Turismo, Território e Modernidade: um estudo da população indígena Krahô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal Brasileira).”* Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Reisinger, Y. & Steiner, C.J.

2006. “Reconceptualizing Object Authenticity.” In: *Annals Of Tourism Research*. V.33 N.1 pp.65-86.

Rolnik, S.

1986. “Micropolítica.” Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

Sahlins, M.D.

2007. “Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história mundial.” In: SAHLINS, M.D. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

2007b

A sociedade afluyente original. In: SAHLINS, M.D. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

1990. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

1997. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção. In: *Mana* 3(1): p 41-73, Rio de Janeiro.

Sampaio, J. A. L.

1993. *“Relatório de Viagem e Parecer sobre a Situação Fundiária da Terra Indígena Mata Medonha”* Salvador, 1993

1993. *“Relatório de Viagem: Anuência Terra Indígena Imbiriba”* Salvador

1996. *“Sob o signo da cruz.” Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Pataxó de Coroa Vermelha.* Salvador, 1996.

1994. *“Breve Histórico da Presença Indígena e as Atuais Comunidades Pataxó do Baixo Extremo Sul da Bahia.”* Salvador. 46 p.

1997. *Coroa Vermelha 1997: Garantia da Terra Indígena e Impasses no “Quintocentenário do Descobrimento”*. Salvador.

2000. *“Pataxó: Retomadas na Rota do Quinto Centenário”* Salvador.

Toren, C.

1988. “Making the present, revealing the past: The mutability and continuity of tradition as process.”

In: *Man*, New Series, v.23 n.4 Royal Anthropologic Institute of Great Britain and Ireland, pp.696-717.

Van Den Berghe, P & Keyes, C.

“Introduction: tourism and re-criated ethnicity”. *Annals of Tourism Research*. v11 p.343-352, 1984

Notas

¹ Esse artigo é resultado da pesquisa de doutoramento realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia que resultou na tese *“A apropriação indígena do turismo: os Pataxó de Coroa Vermelha e a expressão da tradição”*. Na pesquisa realizada abordei o processo de apropriação do turismo – pensado como atividade tanto econômica quanto simbólica – pelos índios Pataxó da aldeia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, no estado da Bahia.

² Em Neves (2012) coligi a bibliografia disponível até aquele período a respeito de ocupações Pataxó anteriores na região

³ Exceção a esse postulado é feita, pelos próprios índios, a respeito dos parceiros de longa data supracitados ou outros como os da ANAI-BA (Associação Nacional da Ação Indigenista), do PINEB (Programa Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro) e da UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Recibido: 27/01/2014

Reenviado: 03/06/2014

Aceptado: 10/06/2014

Sometido a evaluación por pares anónimos